

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

Director—ANTONIO SALLES.

AMOR E TRABALHO

Gerente—SABINO BAPTISTA.

ANNO II

Fortaleza, 1.º de Setembro de 1895.

NUM. 23

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 28000
Número avulso. 500
Pagamentos adiados.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, a rua do Major Facundo n. 4—Ceará.

SUMARIO: Os quinze dias, Moacyr Jurema; — No campo, Sabino Baptista; — Os canhões amarellos, Bruno Jacy; — Mal intimo, Livio Barreto; — Alhum do Estado, A. S.; — Pela vida, Lopes Filho; — O Jurity, José Carvalho; — De lucta, Manoel Lobato; — A Normalista, Rodolpho Theophilo; — Concordancia grammatical, Padre Corêa de Almeida; — Alberto Nepomuceno, B.; — Tartarum de Turicum, Raul de Azevedo; — A Borda, Antonio de Castro; — Imprensa Litteraria, Carneira.

Os quinze dias

Uma quinzena cheia como um campo soprado

Mas não cheia de vento, cheia de factos e de factos importantes.

Avulta em primeiro plano a pacificação do Rio Grande, tarefa levada a cabo entre a geral descrença e a geral esperança.

Quer os apologistas de Castilho, quer os de Silva Tavares desejavam a coisa, mas de um e outro lado havia o receio de que ella se fizesse de modo desastroso para o partido de sua sympathia.

Mas a pacificação fez-se e prisa a Deus que esteja bem feita.

Escoupiu-se um grande suspiro de alivio do peito da Nação, d'esse peito, que se exhausta vertendo ouro e sangue para a sustentação da lucta fratricida.

Nenhuma das estrellas, que constellam hauri verde pendão apresenta actualmente os tons sanguineos que dava um tao doloroso realce a terra de Osorio e Bento Gonçalves.

Morte já não rebolha sangrento nas fustes do Cruzeiro, o que era, além do mais, uma anomalia astronómica.

Que o verde risento das searas tecidas encheira depressa as ossadas, que branqueiam tristemente nas sacadas dos grandeses!

Que se fundam os sabres destruidores e delles se fabriquem instrumentos de trabalho!

Dizem que a arvore da Liberdade precisa ser regada com sangue; mas sangue de mais, como agua de mais embrêja a terra e mata afinal a arvore.

A vermella ablação lustral do Rio Grande foi demasiada e quasi que o ia matando por asphyxia.

Aquello trecho de brasileira terra não podia continuar a ser uma especie de circo romane em que irmãos se trucidassem para deite dos nossos inimigos de toda a especie, rebaixamento do nosso credito e negação dos nossos foros de povo civilisado.

A nossa Republica já está em tempo de ir começando a ter juize depurando-se do virus revolucionario de que estão irremediavelmente contaminadas as Republicas americanas a exceção da patria de Washington.

Estamos cecrados por todos os lados de olhares culpados e perversos a reprimarem com satisfação os nossos erros.

Para contemplar melhor o espectáculo John Reil se aboletou na Trindade e de lá nos assosta o seu oculo, a ver qual o quinhão, que mais lhe conviria no caso possível de uma partilha.

Ja disse um viajante estrangeiro, que no Brasil tudo é grande excepto o homem.

Não negamos nem affirmamos a veracidade da asserção; mas a verdade é que um povo desmido nunca podera ser forte nem grande.

Até hoje o lemmia de nossa bandeira não tem passado de uma ben a ironia com a qual nos procuram convergonhar os saudosos do antigo regimen.

Para o povo em geral a Republica tem sido um Absaão, que se promete torção mais pesado o pesado jugo do seu antecessor.

E como Republica e multos e tem ca bellos grandes, bem pode acontecer, que neste andar se veja um dia presa por elles a qua quer galho, sobestruenta.

Basta de brugas, com a breva! Estão abertos os campos do Pacayay, a baba de Guahabara e os banhados *cocon-pinkie* do Rio Grande para provarom que somos vacas e tes como quem mais!

A occasião é a mais azada para começar vida nova.

Si d'esta vez ainda não entrarmos em vias normaes de existêcia a portada, sendo começarmos desde já a trabalhar de reconstrução, nos acharemos a face do nos-

venderá em lollão para pagarmos o que lhe devemos.

Para amenisar os afchronics, que esta cheirando soffocadamente a artigo de fundo, tritarei de uma curiosa revolução que se deu entre nós e de sua consequente pacificação.

Não é de uma questão intestina que se tracta, mas de uma questão, intestinal.

E' o caso de certa senhora que depois de haver ingerido algumas pillulas anti-helminticas, começou a expelli co bras e lagartos por diversas valvulas na sua machina anatomica.

Um alvoroço dos diabos em todos os espiritos e em quasi todos os ventres.

Os obesos, sobretudo, *entristeceram* mortalmente na suspeita de que a dilatação dos seus abdômens não era devida ao desenvolvimento dos tecidos adiposos.

Mas a presença de anuros e moluscos ignaos aos que havia expellido a senhora em questão.

A pharmacia de Jose Eloy, fabricante das afamadas pillulas, era da manhã até a noite visitada por uma procissão de curiosos que iam contemplar com assombro obicharicos expostos em frascos do espirito de vinho, e de lá todos voltavam estupefactos do espanto e fazendo os mais disparatados commentarios.

Os medecos nada esse neciam e accetavam o facto como toda a gente.

Os superstitiosos e que destoavam da credulidade geral acreditando que, em vez de um phenomeno physiologico, tratava-se nem mais nem menos do que de um caso de feitiçaria.

Em embuste e que n'ninguem ou quasi ninguém acreditava.

E o alvoroço espesera refervia, invadindo tudo a uma encheta e de estupefacção e de receio.

Quem d'ia que o nosso pobre corpo, além dos parasitas que lhe são precibares, pudesse tambem se transformar em charco onde sap e espolinhassera quem sabe? cantassem a romanza de *coque, coque e o diabo lá far mais far!*

Echta gente a perder o sono, estremeecendo a menor evocação de gans, quando trôam mais insignifican e rumor interno.

Mas *tout est bien qui finit bien*, e ainda a gente está convencida que o caso não passou de um pandego enchar e que teve a virtude de desviar a attenção publica do que vai por esta terra, que atavessa, não uma *idade de ouro*, como se affirma a alguns, mas sim a idade de cartões da lamaria.

Moacyr de Jurema

NO CAMPO

O AMANHECER

No oriente em fogo o flavel sol radiante,
— n'ua explosão de luz branda e sadia,
como um recém-nascido ressurta
das pardas brumas do levante.

O creme da alvorala purpureante
as rubras e azes m'as m'as perdia,
e o despuntar magnetico do dia
em tudo punha um riso triumphante :

Nadava em claridade o firmamento,
e m'ua invadia o tepido aposento
uma alegria immensa, incomparada :

enquanto um bando de aves prazenteiras
iam em cõro, garrulas, fagueiras,
saudando a Natureza despertada!...

II

O MEIO DIA

O céu se arqueia e o sol intenso, ardente
da fulva luz estende o pallio aberto
sobre a opulencia espessa e refusente
da tranquilla paisagem do deserto.

Como uma queixa entrecortada, porto
murmura a triste voz de uma corrente
enchendo o espaço de um pozar incerto,
de uma tristeza mystica e dolente!...

Ruminam boiças sombras honançosas,
das seculares arvores frondosas,
sob a escurura alheia das folhagens,

o aleno, se a gente alonga o olhar cansado
na vastidão do campo illimitado
sente na vista tremulas miragens...

III

O CAIR DA NOITE

que la-se a negra voz da passarada
em tudo a fria solidão persiste,
enquanto a noite, livida e pesada,
deusa sombria, tenebrosa e triste,

A alma, que as fundas sensações resiste,
sentê-se agora tremula, alagobrada,
e entre os grilhões da nostalgia assiste
àquella scena totica e maguada...

A attida treva planida se espalma
pelo inferno: a religiosa calma
lembra mysterios de medievos cellas...

Morre, se extingue a tardo languorosa
e a luz surge, — pallida e formosa, —
com o seu resplendor mystico de estrella...

(Do livro — Vagas)

(Pará — 8 — 95)

SABINO BAPTISTA

Os canhões amarelos

(Episodio quasi historico)

Tem a Historia singulares e injus-
tas ommissões.

Depende de tão pouco — do capricho
de um chronista ou do acaso — pas-
sar a posteridade ou ficar no esqueci-
mento!...

Foi a ultima dessas duas alternan-
ças a que sahira por morte os *canhões*
amarelos o bom sei que não está nas
minhas fontes tiradas do olvido. Já
se acham escriptas nas chronicas do
tempo em que elles viveram floresce-
ram, e duvido muito que futuros his-
toriadores, quando vierem respirar
nos annos da nossa patria, se lem-
brem de consultá a colleção d'O
Pão.

Aqui fica no entanto o meu protes-
to contra a injusta preterição que os
canhões amarelos soffreram dos car-
nistas.

E si a presente narrativa se chama
de *quasi historica*, não é por lhe fal-
tar a veridicidade, que essa é absolu-
ta e plena, mas somente por ter esca-
pado aos narradores na confecção dos
patrios annos.

Quando em fins de 1859, o Senhor
Dom Pedro Segundo se dignou visi-
tar as provincias do Norte do seu vas-
to imperio, foi enorme a agitação e
agudamento da população das terras
ameaçadas pela imperial visita.

Não houve burguez por mais illeu-
gnatico e pacato que não gastas-
se bons coleres em comprar fatiou
nova para si, para a mulher e para os
filhos, e até mobilia para a sala, co-
pos, calices e talheres, como si cada
cidadão esperasse visita particular do
imperante no seu domicilio.

Todos os signeiros e alfaiates dessa
época enriqueceram da noite para o
dia, tamanha copia de fardas e fardões,
de barretins e pennachos adquiriu a
guarda nacional, de alferes para cima.

Suas magestades não vieram ao ex-
tremo norte do imperio: chegaram
sõmente à provincia da Parahyba, que
já lhes pareceu provavelmente para-
gem assaz longinqua para termo da
imperial excursão.

E foi precisamente na Parahyba que
então appareceram os *canhões ama-
relos*, cuja historia vou contar confor-
me as indicações de um manuscripto
authentico, existente em meu poder,
e do proprio punho de um delles.

Na provincia não havia cavallaria
de linha, e um unico esquadrão da
guarda nacional tinha parado em re-
mota cidade do sertão, si é que a não
tinha sômente nos relatorios do mi-
nistro da justiça.

Nessas condições, annunciada a
visita de SS. MM. cogitou-se de orga-
nizar um esquadrão de voluntarios que
dêsse piquete para acompanhar as au-
guas as personagens em suas excursões
pela provincia.

Com essa boa vontade que caracte-
risa o povo brasileiro, promptamente
se offereceram alguns rapazes do com-
mercio, todos officiaes da guarda na-
cional, e organisou-se na capital o es-
quadrão.

O uniforme desse corpo foi boné
encarnado a cavaguar, e farda verde
com golla e canhões amarelos, que
lhes valeu a denominação porque foram
conhecidos e com a qual (talvez por
muito comprida) não passaram para a
Historia.

Eram 30 e commandava-os o Dr.
Antonio de Sousa Carvalho.

Conheci ainda o Dr. Carvalho, tem-
pos depois: já sem a farda verde nem
o boné encarnado mas com uma obe-

cidade muito pouco mercal para com-
mandante de um corpo de cavallaria
ligeira.

Um mez antes da imperial visita ja
os *canhões amarelos* faziam exerci-
cio todas as tardes no largo de S.
Francisco, e era digno de ver-se o en-
thusiasmo e elegancia do garbado es-
quadrão. Tinha-se feito insinuar ao
senho da brilhante rapaziada que to-
dos os cavalleiros do esquadrão de
honra acerrim por S. M. agracados
com o habito da Rosa e a farda pe-
quena se dizia que a perspectiva da
condecoração não era o menor dos
êmulos ao ardor patriótico e mo-
narchístico.

Um pelo menos não fazia mysterio
disso: era o Galvão, excellente rapaz
de boa familia e um tanto simplico.
Pensava sempre na futura commenda
e fallava muito nella, provocando en-
creijos dos companheiros que tam-
bem pensavam muito mas não fallavam tan-
to.

O Galvão era moço; ia ser genito
de um velho militar já reformado e
muito condecorado, o que ainda mais
lucriferava aquella innocente am-
bição.

A 21 de dezembro de 1859 desembar-
cavam do transporte *Apia* os imperan-
tes e debaixo do pallio subiram a pé
com os ministros e mais comitiva as
inremes ladeiras que separam a ci-
dade alta do Varadouro.

Não quero consignar aqui a primei-
ra pergunta que suas Magestades fi-
zeram ao chegar ao palacio do gover-
no.

Todos sabem que as proprias Ma-
gestades, por mais angustias e henu-
tadas que sejam de santos oleos, e da
graça de Deus são sujeitas as mesmas
necessidades materias que um sim-
ples burguez ou villão.

Consigno apenas que em 1859 pas-
sou desapercibido o Natal na Para-
hyba. As missas do gallo tiveram pou-
quissimos ouvintes e os bonecos e bu-
gigangas, astros de papel dourado, os
aninhos, a mangedoura, os reis ma-
gos, a vacca, o burro, o gallo e os
judeus não sahiram do fundo das pe-
sadas arcas de madeira para povoar
as lapinhas.

De outras consas cuidava a esse
tempo o leal povo da antiga Philippen.

No dia 25 foram os *canhões amare-
los* pelo respectivo commandante apre-
sentados ao imperador que os rece-
beu prazenteiro declarando logo que
na madrugada seguinte partiria para
o interior e contava com elles.

Effectivamente as quatro e meia
partiu a imperial comitiva, precedida
por dois batedores, tirados do es-
quadrão de honra, e intermeada por dez
pragas montadas do corpo de policia,
muniadas de artilhos.

Montando excellentes cavallos, o
imperador e seu sequito marchavam
sempre a galope de sorte que ao ama-
nhecer já duas boas leguas tinham
do vencidas; as magras alimarias por-
rém do corpo de policia não eram ta-
lhadas nem educadas para aquellas
grandes velocidades e acontecerem por
isso que todas, uma a uma, foram fi-
cindo pelo caminho e os pobres sol-
dados que as montavam viravam de
cavalleiros cavalgadas e tinham de
voltar para o quartel carregando, além

do armamento, a sella, os arreios, o malote, os coldres e o archote apigados.

Com a mania, S. M. começava interessar-se pela vegetação e pelas cores da terra e da montaria para escolher uma florinha agreste, micalis curiosamente e, voltando-se aos da comitiva, perguntar-me o nome, guardando-a depois no bolso.

Despertaram-lhe particular interesse as flores do massambé e do fedegoso.

No engenho S. João, dignou-se tomar café e montar novo cavallo, tudo offerecido pelo barão de Marau, dono da engenho. A comitiva continuou em jejum, pois quando lhe era servido o café a sua magestade seguia estrada fóra a bom galope.

Entre os *cathões amarellos* houve quem resmungasse. O Galvão, alguns dias, disse: — Contando que venha a commenda,...

Comem S. M. alguma coisa no engenho Marau, propriedade do Mosteiro de S. Bento, onde não se esperava tão cedo a imperial comitiva, o que deu lugar a ser o manatim revelado por um frade de camisola azul, ainda estremunhado de sono, desfazendo-se em desculpas.

Grande foi a surpresa na villa do Pilar, onde chegaram muito mais cedo que eram esperados, cabindo no meio dos preparativos e surpreendendo em camisa e coronas o presidente da Câmara Municipal, em cujo edificio apanhou-se a magestade, embarcando-se logo na escada com um preto, que desceia trazendo na cabeça uma grande e velha mesa. No salão da casa municipal estava ainda a moda uma rede, e S. M. estirando-se nella disse aos da comitiva:

— Os senhores arrumem-se como puderem, que eu já estou arranjado.

Ali mesmo se alinhou uma recepção tardia com um simulacro de festas notando-se que estavam entediados e desmoteados todos os da terra e desajustados os viajantes.

Só as 7 horas da noite puderam os *cathões amarellos* almoçar; tendo logo ao chegar montado guarda ao paço imperial até, que, por ordem do próprio imperador, foram recolhidos pela guarda nacional do logar.

— Contando que não falte a commenda... murmurava o Galvão.

Outros mais scepticos ou mais esotomelicos já davam no duabo a commenda e a hora em que se haviam offerecido para taes serviços.

Na madrugada seguinte proseguir a viagem para Mamanguape, com a mesma rapidez da vesperta. O imperador mudava de cavallo frequentemente, e o numero dos *cathões amarellos* que o acompanhavam era cada vez menor. Parava e reparava para coisas insubstantes e a cada instante fazia perguntas aos do seguito.

Encontrando um peão velho que trabalhava na colheita de uma panela coberta com folhas, fêz parar perguntando que levava ali.

— É aqui, meu capitão!

O imperador provou-a e declarou que — era excellente — continuando a galopar.

Quando os ultimos cavalheiros do

cortejo exploraram ao perfil quem e a a personagem que lhe faltava, tantinho foi o seu passo que a paqueta estrelou em cascos no meio da estrada.

Primitivo foi a recepção feita em Mamanguape não só a S. M. como aos proprios *cathões amarellos* que foram providos de novas cavaladuras e mudaram-se de aquelles escuros de vidranga para melhor affrontarem a poeira da estrada, que já os fizera soffrer bastante.

O regresso foi perturbado por uma nota triste.

A proxima capital, sendo tanta a poeira que os cavalheiros mal se envergavam, o pobre de Galvão, no momento em que andava, pela infinita voz de fôlha na commenda, canto do cavallo e quebrou uma perna.

No chegando a capital foi que o imperador, sobre do decastrado immediatamente mandou o seu medico informarse do estado do metiz negro e apalpar o com a saucenema.

O Galvão no meio das dores tinha um ar de beatitude.

— Agora tenho certa a commenda, pensava elle.

Mas enganava-se o pobre rapaz. Estava coxo para toda vida e... a commenda não veio.

Alguns dos dos *cathões amarellos* puderam annos depois fazer jus a uma condecoração no Paraguary: o Galvão, já estropeado, não pôde ter esse recurso.

Teve porém uma compensação a tantas desventuras: — Não casou.

Ceará—1895.

BURSE JURY.

MAL INTIMO

Esta amargura funda, esta incômoda Atraz e brutal que me persegue, e mata, Como um veneno, as minhas carnes de prata Da minha estratificada adolescência:

Este ambiente de corrupta essência Onde o Tédio os seus flocculos desata; Este vento de dor que me arrebatava, Os sonhos de fulgor e transparência;

Toda esta amargura e triste decepção, Esta da vida sceptica ironia, Esta continua e trágica afflicção.

Este simon do mal ve'n-me um dia, Por não possuir ter pe'lo um e'ração Quando no meu um coração batia!

(Dos *Idyllen*).

1895.

LIVIO BARRETO.

O Jurity

de ANTONIO REZENDES

I

Ainda não se apagou em todo centro do sertão sul do Ceará, e corre como uma graciosa lenda a memoria de um dos melhores cantadores de viola.

Jurity emocionou e a rebatou toda a alma sertaneja de seu tempo.

Improvisador extímio, repentista feliz, inspirado canto das selvas foi entre a rude geração sertaneja, o que foi Castor Alves no mundo civilizado de nossa patria. Foi um conquistar dor.

Merceu todas as palmas e todos os louros desde o samba do mais pobre roceiro até a festa do mais poderoso senhor.

Foi, como todos os grandes homens o producto, a synthese de sua geração...

Depois d'elle, têm vindo muitos outros, mas nenhum o imitou.

Um mestre:

II

O Vicente, um cabrinha franzino e atrevido, foi um dos seus mais dignos discipulos.

Depois de estudar-se na grande arte do Jurity, ganhou o *sertão*, a cantar e a conquistar nome e gloria.

Depois de alguns annos estava um cantador a abalo; julgava-se superior a seu mestre e pedia batel-o.

O Vicente era conhecido pelo nome de Beija-Flor.

Todas as suas aspirações, todos os seus desejos eram bater o Jurity.

E embora estivesse muito longe d'elle atravessava-lhe um reptil e cantava orgulhosamente:

- O Jurity, se cantava
- Diante do Beija-Flor
- Porque o pobre no ninho
- Não tinha as penas de Amor!

O Vicente achava-se nos sertões da Bahia, e aquella idylia seduzia-o, fascinava-o, sem attender a commenda alguma, puzesse a commenda em procura de seu ideal—bater o Jurity.

Este desejo dava-lhe arrondas prodigiosas de imaginação, e por isso passava a desbarbando a todos.

Quantos cantadores encontrava, em sua passagem levava-os de vencedores ampuilhava-os. Foz epopeia. Suas cantigas eram rependidas por todo o mar, do e todos pertenciam a sua escola.

Um dia, depois de andar toda a manhã sem encontrar casa alguma onde podessem offerecer-lhe algum conforto, parou a margem do rio S. Francisco.

No porto não havia uma barca sequer para lhe dar passagem. Sentia muita fome, mas tinha o mesmo desejo de atravessar o rio. Tudo deserto. So o vento entugava a superficie clara das aguas.

Senhores e freguezia a uma sintonia e trando a canção dos bômbos exclamou:

- Eu não sei de quem se serve
- Ser Beija-Flor a essa vida
- Ter aqui não occur
- E se o nome de cantiga

E ficou pensativo como que reflectindo um plano.

Depois de alguns minutos viu approimar-se uma barca e correu a ella.

Apenas o barquinho saltou em terra elle dirigio-lhe a palavra:

- Cantando a tua passagem
- Custello dois mil reis!

Elle que não trazia um real retor-
quo-lhe immediatamente :

—Vamos fazer um negocio ?

Qua ! ?

—Você me dá a passagem e eu vou
cantando; he lhe dirigir uma cantiga
e V. disser : *Ah ! esta sim, me serve !*
Estamos pagos, nada lhe devo; e ainda
disser isto, lhe pagarei o dobro do
que pede !

Idiota ! — pensou o barqueiro — es-
ta feito !

Beija-Flor tomou passagem e em-
quanto o homem fazia correr a barca,
ia cantando coisas que muito longe
escavam de agradar ao barqueiro.

Como esta :

- « O barqueiro quando morre
- « Não precisa confissão,
- « Não ha santo que o salve
- « Porque sua alma é do cão !

E continuou a cantar; cantou mu-
ito; o homem da barca nada dizia, não
declarava si a cantiga agradava ou
não, limitou-se a aproximar da margem e
elle não tinha mais duvida : — ganhara
os 18000.

Beija-Flor vendo que era tempo,
fez uma pausa e n'um tom de quem
reprehendia a si proprio exclamou :

- « Oh ! Beija-Flor dos diabos
- « Deixa de ser trapaceiro,
- « Desata logo a tua maca
- « Paga depressa ao barqueiro !

Ah ! esta sim, me serve ! bradou
muito contente o barqueiro.

—Estamos pagos ! replicou o Beija-
Flor, saltando a ribanceira de rio,
E continuou sua viagem.

III

O velho Jurity deixara a vida bo-
hemica e dedicara-se ao trabalho...

Era mestre no engenho do capitão
F. Um dia estava bem calmo quando
ouviu de repente a voz do Vicente
que da grande grada da casa da for-
malha atravava este repto :

- « Cadê o tal Jurity
- « Que as azas quero cortar !

Jurity que com a passadeira dava
ponto á caldeira de mel respondeu an-
tes que o Beija-Flor terminasse :

- « Stá mechendo rapaduras,
- « O fogo está muito quente,
- « As azas são muito duras
- « Amola a faca, Vicente !

Interrompeu o serviço e cantaram
3 dias consecutivos. Foi um duello
tremendo finto o qual o Vicente reco-
nheceu que o velho Jurity tinha forças
ainda para ser seu mestre.

IV

O Jurity além de inspirado poeta
era um politico extremado.

Foi um martyr da politicagem aboli-
cionista. O partido adversario e a satyva
vibrante de suas glosas não poupei no
beocio do delegado de policia. Este
despeitado mandou-o prender e amar-
rar no meio de um grande formigueiro.

Os soldados entre gargalhadas exe-
cutaram aquella selvageria e depois
do vel-o debater-se no meio de um
milhão de formigas assanhadas e cruéis
deixaram-no abandonado.

Depois de muito tempo ouvio elle
vozes de pessoas que passavam, pela
estrada, e de lá de dentro da malha,
a trebuchar sangue, ja quasi exausto,
bradou :

- « Camaradas !
- « Se forem lá p'ras chapadas
- « E passarem nas Guaribas
- « Digam aos meus camaradas
- « Que eu estou morto de formigas !

E continuando em versos vibrantes
e orgulhosos, que ficaram perdidos
n'quellas brentas, verberou altiva-
mente o partido, que elle batia pela
convicção e pela satyva e que o havia
atirado aquelle doloroso martyrio.

1895.

JOSÉ CARVALHO.

(Dos Poetas Sertanejos.)

DE LUCTO

A ANTONIO SALLES

Branco florinha, que a tristeza inflnda
Lenta captiva e lenta descolora...
Loura manha, que morre com a viuda
Do nebuloso inverno, ceus em fóra...

Quando sorria-se era como a linda
Pompa soberba de imponente aurora,
Que a nitidez dos verdes mares brinda,
E prantos d'ouro sobre os campos chora...

E como a Noite entristecida e mansa,
A desdobrar no mundo a negra trança
Chora o crystal de uma terrível pena,

Hoje, dos olhos pretos da menina,
Do pranto a góttia amarga e crystallina,
Rôla tremendo ao canle da aqueena...

Rio—28—4—95.

MANOEL LOBATO.

@ "Normalista"

(Conclusão)

João da Matta com mais seis mezes
de idade e outros tantos de bebedei-
ras, ainda tinha impetus de sensuali-
dade tão violentos e aturados como
aos dezotto annos. O Sr. Caminha
deserve a pag. 285 um d'estes acces-
sos de erotomania do amanuense,
sacrificando a physiologia, como na
maioria de seus desrepições. Avalie
o leitor o estado de Matta por este
trecho :

«O sangue pulsava-lhe nas artérias
n'uma hyperkinesia, que lhe atorda-
va os sentidos, que lhe tirava a res-
piração, impellido-o para a mulher»

Admita que o amanuense tivesse
sobrevivido a esse ataque de satyria-
sis e em caminho do quarto da ama-
sia não fosse sufocado pela dyspnea
lubrica e nem as tunicas de suas ar-
terias retalhadas pela hyperkinesia
n'uma carretilha de aneurismas.

Chegando ao quarto da mulher,
parou, meditou, embora estivessem
todos os seus sentidos exaltados pela
lubricidade que o alucinava. Chamou
Teté n'aquelle mesmo tom piegas com
que chamou a atilhada na noite ce-
lebre de seu crime.

« Silencio profundo. Os cortina-
dos da cama estavam cerrados. João
foi entrando devagar, equilibrando-se
no bico dos pés. »

«Teté ! repetiu a minha voz. »

« Ninguém respondeu. Adiantou-se
e escaneou os cortinados, mas
oh !... — o leito matrimonial, largo e
fresco (e de jacaranda) branquejava
desolado sem sombra de mulher. »

Se o Sr. Caminha classifica de ma-
trimonial o leito de João da Matta,
como classificará o dos casais juntos
por união legitima ?

O autor da *Normalista* talvez pen-
se que leito matrimonial é toda aquelle
em que se deitam duas creaturas
quer casadas, quer amadas.

« João ficou boquiaberto, muito ad-
mirado. — Que significava aquillo ? Os
lençãos revoltos accusavam o deses-
pero de uma pessoa que não teve tem-
po a perder. Ante a clarevidencia as-
sombrosa da realidade, o amanuense
rodou sobre os calcanhares, e resig-
nado como um boi, sem proferir pa-
lavra, murecho, sentiu desapparecer
subitamente o forte desejo que ainda
ha pouco o espiçava como uma or-
tiga. Retrou-se macambuso a pensar
nos caprichos da sorte. »

Termina aqui a scena pulha em que
o fogoso João da Matta passa sem
transição apreciavel do estado de vo-
luptuoso bode ao de impotente boi.

Era de esperar que o amanuense,
n'aquelle accesso de satyriasis en-
trasse sem se annunciar no quarto de
Teté e não a encontrando, voltasse
em cima do rasto á cauda da casa on-
de dormia a creada Mariana, e a vio-
lentasse. Isto é que era natural, phy-
siologico e psychologico. Isto escre-
veria um romancista que melhor co-
nhecesse o coração humano.

O estado do leito vispo e com as
cortinas cerradas ! Admittindo mes-
mo essa cama larga e de jacaranda
em casa de João da Matta, admittin-
do mesmo que ella tivesse cortinado,
o que não se comprehende é como D.
Therzizinha, que no desespero não teve
tempo a perder, como se vê da desor-
dem dos lençãos, se lembrou na pres-
sa da fuga de cerrar as cortinas do
leito !

Não nos diz o Sr. Caminha porque
fugira com tamanha precipitação a
amasia do amanuense.

João da Matta ficou boquiaberto
ante a clarevidencia assombrosa da
realidade, embora n'aquelle estado
que sabemos, rodou sobre os calca-
nhares, macambuso e resignado como
um boi votou para a sua rede na sala
de jantar.

Os personagens do livro do Sr.
Caminha fazem nos passar por dece-
pções tremendas ! Quando se espera
d'elles um acto de valor, de energia
de accordo com a situação, elles se
embutam que nem caracoi, na phra-
se do mesmo Sr. Adolpho.

Ninguém mais soube noticias de
Teté, se era morta, se era viva, se
ainda negociava com rendas para

Para, enfim, abrir-se a terra com ella! Nem mais uma palavra sobre ella deu o autor da *Normalista*, embora a curiosidade dos leitores fosse aguçada pelo assombro que semelhante fuga causara a João da Matta.

Então já no ultimo capitulo do livro apparece e desaparece D. Theresinha com a rapidez do raio.

Quando mestre Cosme, uma manhã, foi avisar a João da Matta que a menina estava com dores, o amanuense dormia e nem sequer sonhava na afilhada. Ergueu-se da rede com um pulso, entou as calças, lavou-se n'um instante e abalou mais o velho para Adelaide, sem dizer palavra a D. Theresinha.

E acabou-se Tó! por uma vez, sem sabermos porque n'aquella noite ella havia fugido, com tamanha precipitação, onde andou e depois como tornou a vir para a companhia do amanuense. Segredos que o Sr. Caminha não quiz confiar aos leitores.

Trata-se agora do parto da Maria do Carmo.

No quarto, a parturiente gemia, e a Tia Joaquina a animava resando a N. S. do Bom Parto.

Joanna Pataca, a parteira, fumava o seu cachimbo.

O amanuense, inteirado do estado da afilhada deitou-se em uma rede no cupar, bebendo de espago a espago aguardente e fumando cigarros.

O dia estava claro e n'ol-o pinto assim o autor da *Normalista* n'este memoravel trecho na pag. 200:

« Fazia um bello dia de sol, calmo e luminoso. O arvoredo immovel dormia na esplendida pulverisação da luz, que o narcotizava para beber-lhe a seiva. »

Estes millos são os conhecimentos de Biologia do Sr. Caminha! Pelo trecho citado vese que o autor da *Normalista* desconhece a sequencia que estuda os seres vivos, sua organisação e seus actos. Fazer a planta adormecer quando o sol a envolve n'uma esplendida pulverisação da luz! Ignorava o Sr. Caminha o somno das plantas? Esse matapasto que mereceu do Sr. Adolpho a classificação de *planta perenne*, observou ao por do sol e vera que os seus foliolos d'elle, erectos, expandidos, vão esmorecendo, se inclinando, a proporção que a luz se apaga, até se fecharem de todo n'um apertado abraço.

A luz narcotiza o arvoredo para lhe beber a seiva! Os meus fracos conhecimentos de Biologia não me permitem comprehender tão arrojada imagem.

Sei que o sol tem uma influencia real e manifesta sobre todos os seres vivos, quer do min. quer de outro reino. Sei que os vegetaes de chlorophylla, expostos a luz, seus actos physiologicos, não são os mesmos que na escuridão.

Sei que a planta respira como os annaes, quer o sol illumine o espago, quer a noite escoreça a terra, mas sei tambem que ha uma outra funcção das vegetaes, que depende da luz, a funcção chamada chlorophyllina e que consiste em uma acção reductora que se effectua ao sol e que decompõe e acido carbonico absorvido pela planta,

em seus elementos oxigenio e carbono, sob a influencia da chlorophylla.

Não sei qual o effeito narcotizador da luz sobre os vegetaes! Pelo contrario a sua acção é toda estimulante, excita a funcção dos differentes orgaos da planta.

Admover o arvoredo para a luz beber-lhe a seiva!

Quem sabe se o Sr. Caminha n'esta imagem metaphisica nao alludiu a transpiração das plantas? Tambem não é possível: a luz excita a circulação da seiva, estimula os actos physiologicos, provoca a sahida d'agua, que em transpiração mais ou menos abundante conforme o tempo é mais claro e mais secco, se evapora pelas folhas, e o arvoredo do Sr. Caminha dorme e o que transpira a sua epiderme é seiva e não agua!

Beber a seiva da planta nunca a luz conseguira! Que o calor beba agua que transpira das folhas dos vegetaes, do mesmo modo que bebe o suor que exsuda de nossos poros, admitto mas nunca a seiva, a seiva que é para as plantas o que o sangue é para os annaes.

Estude um pouco de Biologia Sr. Caminha, senão que todo homem deve saber e ainda mais os escriptores, que se dedicam ao estudo do coração humano, e verá que a Natureza que tudo criou com uma perfeição admiravel, uma harmonia sublime não havia de enear a luz a semelhança dos vampiros da Fábula para sugar o sangue de suas creaturas.

No fim d'esse dia claro e ao acender-se a primeira vela no quarto da parturiente, esta teve o seu bom successo! Um parto sui generis, como vio ver o leitor.

« Sente-se, comadre, sente-se pelo amor de Deus! supplicava a parteira, agarrando Maria com geito. »

« Sente-se minha filha, repeta a outra. »

João da Matta, que bebia aguardente desde manhã e que devia estar de todo bebado, contra a expectativa dos leitores, acordou bebado, e estacando a porta do quarto exclamou:

« Calma! calma!... »

« Mas era tarde. Ouvira-se uma pancada surda no chão, como a queda de um bolão de barro humido. »

« E Maria tombou como um fardo sem sentidos na rede feta. »

O Sr. Caminha como escriptor naturalista não devia ignorar o como dos phenomenos, embora o porque lhe escape como a todo homem com os conhecimentos que tem na epocha presente.

Se não tinha idea alguma sobre parto, porque está certo que nunca passou por esse transe, devia ter lido algum tratado, mesmo qualquer simples compendio de obstetricia para não se expor a que o chamassem de todo em semelhança assumpto.

Tão estranho foi o modo de morrer da filha de João da Matta como o seu modo de nascer! Ninguém sabe se lhe chegaram a cortar o umbigo! A morte foi em consequencia de ter elle caído de pinto e ter batido com o crânio no chão, podendo que fez-lhe espirrar sangue das venas da nuda meto disse o Sr. Caminha sobre o filho de Maria.

Findo o resguardo, voltou Maria do Carmo para a Escola Normal, embora tivesse sido expulsa e continuasse na direcção do estabelecimento o mesmo director que a exultou por immora! Voltava, forte, alegre e moço depois casava-se com o alferes Continello, official de policia, o mesmo que no casamento do Loureiro, o Sr. Caminha nos apresentou como quartel mestre do exercito.

A normalista casa ja no fim do Livro, e é por isso que o Sr. Continello começa official de linha, e rebatido no epilogo para official de policia.

Recolha-se, medite Sr. Adolpho Caminha e se convenga de que escreveu um mau livro em todos os sentidos.

Fortaleza.

ROBERTO TIBURCIO

Concordancia grammatical

De uma illustrada assembleia si um discurso se propala, não haja confusa idea nos applausos a quem fala.

Esta palavra—apoiado—é particípio e se applica ao orador deputado que com acerto se explica.

Si acaso lhe deu apoio todo o collegio presente, com certeza elle é ou foi apoiado geralmente.

Entretanto os annaes lendo ou neste ou naquella enciclopedia disparete estupendo apontados gerates veja!

Sumero e genero pede a syntaxe rigorosa, e da lei ninguém se arreda, quer em verso quer em prosa.

Exemplo: si uma senhora fallando, fosse abonada, cumpria dizer que fôra não apoiado, apoiada.

Quando um se homem diz, e não sejam dois nem mais, esta pergunta me occorre: Houve apoiados gerates?

Barbacena, 1895.

PAULO CORREIA DE ALMEIDA

Alberto Nepumocena

A respeito d'este jovem e glorioso artista escreve-se nos do Rio um amigo:

« Chegou ha pouco da Europa o Alberto Nepumocena, o Neps, como lhe chamam na intimidade os amigos. Veio cá do com uma distinctissima senhora nascida nas brumas gélidas da Scandinavia (na Noruega, creio), que executa magnificamente ao piano composições dos grandes mestres allemães e russos.

Veio casado e celebre—já empolgou o publico fluminense.

A primeira vez que nos encontramos foi no Hotel de la Paix, donde ás vezes vou jantar por ficar pertinho do meu jornal. Eramos quatro: os dois Bernadelli (Rodolpho, o grande burilador da *Fênix*, do Christo e a adúltera e do theatro, e Henrique, o applaudissimo pintor de quem não effo algumas telas porque são tantas e tão admiráveis que temeria de se sortar preferindo estas a aquellas — todas são *melhores*, o Cotta, d'O Paiz, e o Nepo.

Falamos em o elle do nosso querido e santo norte, dos seus *primos primos* no piano, das nossas cousas do norte, de ti etc.

Lembra-se de tudo o maldito Nepo que esteve tantos annos na Europa, em convivencia ininterrompida com estrangeiros, com os quaes aprendeu o allemão, o sueco, o inglez, o italiano e o francez, sem esquecer o idioma natal, que continha a taler como legitimo brasileiro.

No domingo, 1, fez elle a sua primeira exhibição musical publica — um concerto no qual tres quartas partes das composições eram suas.

Tocou piano admiravelmente e tocou o grande órgão do Instituto Nacional de Musica como professor que é d'essa cadeira no mesmo Instituto. Um artista grande, um artista celebre, um artista perfeito — eis como nos chega da Europa o Nepomuceno.

O que sobretudo me encantou n'elle foi o sentimento patriótico que transbordava de alguma das suas composições musicas. Puz em musica, com propriedade e um sabor lyrico delicioso, versos de Juvenal Galeno (*Tu és o sol* etc.), de Gonçalves Crespo e de João de Deus, e mais uma *chopodia* de musica popular brasileira — a *Galhoeira* que foram ouvidas entre os applausos da multidão, que enchia a vasta sala do Instituto. Um triumpho!

Conto-te tudo isto assim, sem refolhos e tão por miúdo porque de certo vais ficar contente com esta noticia. É o nosso Juvenal Galeno, o poeta do povo e da vida do povo, como ficará satisfeito sabendo que a sua musa inspirou ao Nepo uma bella pagina musical!

Tea etc.

B.

A bordo

Corta o navio as ondas, em demanda. Em busca de outras regiões. As velas Alvas vão soltas á suave e branda Aura, que sopra, que se esbate nellas.

Declina a tarde, o sol, já se o faltando. Amortecendo olhar volve pra as agas. Que, sem cessar, agitam se chorando, Como feridas por profundas maras.

E alem, na curva do laras ate extenso. Va a terra entre as bramas se perdendo. Enquanto as sombras de um posarimmens. Vão a minha alma, nos pões se envolvendo.

18 - 8 - 96

ANTONIO DE CASTEL

Album de estudos

III

NO MAR

A minha primeira viagem por mar paimento e unica até o presente, bem merece que a recorde agora, revivendo as impressões que me deixou e que já come, em a bruxolear no meu espirito, em a deliquio de chamma que se extingue.

Um marinho passageiro, e entre todos era eu o unico que embarcava pela primeira vez.

Ao descer ao camarote para acomodar a minha malota, tive uma impressão de pavor: do camarote visinhos puzim sons estertorados, vozes estranguladas, gemidos, *ai Jesus!* atilictivos.

Diz-se-ia que algum scelerado andava a infligir supplicios atrozes aos meus compunheiros de viagem.

E com effeito, um scelerado — o enjão — torturava-os sem piedadade.

Suggestionado por aquellis concers comenci a sentir calafrios, suores de agonia, contrações do estomago.

Consideri-me perdido e subi as pressas para o tombadillo.

Sentado a um banco, fitando estonteadamente a cidade, eu esperava com terror a phase extrema do terrivel mal.

O navio, ancorado muito proximo á terra, balouçava-se como uma rede fortemente impellida.

Vinha da proa um cheiro nauseabundo de animas e de mercadorias.

Um conherido meu, agarrado a um mazo de cordame, apertando desesperadamente o chapéo de sol debaixo do braço, muito triste e pallido, tinha um aspecto tão dolorosamente comico, que eu não pude conter uma gírgilanda.

Erindo, verifiquei que estava um pouco melhor.

Esta melhora acentuou-se de mais em mais, e uma hora depois eu passava no convés bem disposto e contemplando com satisfação o panorama da cidade.

Estava livre do enjão! Esta convicção enalteceu-me a meus proprios olhos a ponto de o hircom desde os demais passageiros — sobretudo o supito do chapéo de sol, que curvado sobre a amurada, regalava os peixes.

Dentro em pouco o navio erguia o ferro, e a bulice executava as primeiras rotações.

A quilha comegou a retalhar o dorso dos vagallhões, que um vento rijo empovillava e rolava para a costa.

Meus olhos se immobilisavam na contemplação da cidade com sua casaria branqueante, ao sol e os seus tellos de folhagem verde-negra.

A torre do Sese destacava impoente, muito mais e branca, tendo o centro um orificio negro como um olho, e a vestigal for a somar as couzas encurtantes.

A preparação que o navio se distava a cidade se deprimia, as mesqui-nhas, accusando uma cresta de arredondado lumbis, e a lenta e laral deformação de contorno.

Contine-me para o mar ampo e verde a embarca tolhege como o horizont — estumido de vapores — euzentes.

As aguas, na sua tremura eterna, tinham lampetas offuscantes.

Aqui e ali um flocculo de espuma enfiollescia a crista de uma vaga.

A esteira tracada pelo navio se desenhava para traz na sua branca effervescencia de vin-lactea ephemera.

No grande silencio do bardo se avolumava o estorido das machinas no seu trabalho incessante.

Eu me sentia encantado. A immensidade marinha seduzia-me como se um genio das aguas me segredasse os matos dos seus threnos fascinadores.

Fitava com respeito os bionteos tripolantes e encostava-me tão familiarmente o mar que tanto respeito me lenda.

Ahi que existencia rudemente bella a dos honzados da mar — *estes e dias* a verosamente omlindo asul do ceo e o intido asul do oceano! Nobre vida!

Uns brutos, meu amigo, os diabos destes marinhentos, abra o homem do chapéo de sol, unido com o sorriso gillido de um marujo. Isto e vida de gente! Pois vale a pena viver para o mar em cima das taboas, que de um momento para outro podem desconquitar-se e levar tudo para as profundas! 'Antes ser soldado, ralar buracos em quebrar pedras, palavra de honra!'

E limpava freneticamente o bigode com o lenço.

Eu sorri com tolerancia e aconselhei-o a chapar limões.

Mas o homem deixou-me precipitadamente e aproximou-se da amurada aos tombos, apertando o estomago.

A terra entao era apenas uma mancha estreita e escura debruando longa quamente o mar.

Calma imponente avassallava tudo fazendo irradiar de alma da gente liberdades de posses pensamentos...

Vinhão-me a me te os *Verisacos* uma estrangeira do grande vate ba hiano:

*Na proa os navios cantam,
Eram saudades? Talvez!
Nossas vozes estalavam
Como esbala a canchada...
Lembras-te nesso, hespanhola
Acusa lembas-te, lizes?*

Para os dramas e as comedias do amor decerto não ha senão rio tão bello como o do mar.

A pa xio deve assumir nessas alturas proporções sup eras.
E como este vento marinho deve levar depressa os tramentos de amor eterno!

Procurei avidamente uns olhos terminios em que misulisset da a chamma de amor que me incendia a coracao.

Mas as lizezes de bordo estavam todas enjoadas, creio.

A S

Tartarin de Tarascon

Affonso Banbet, o dilecto e imaginoso escriptor francez, burilando esse livro primoroso *Tartarin de Tarascon*, nunca pensou talvez que apanhasse de natural, no vivo, um typo brasileiro muito nosso, muito unico e original cheio de aventuras gloriosas e estupefacentes.

Pois o nosso estimado e malquerido Tartarin de Tarascon (vulgarmente conhecido pelo pseudonymo de Oscar Leal) com o genio bollesco que tem, todo elle aventuras, todo elle lódes e tigras, odios e vingancas, entendeu, numa folha portugueza A Madrugada, do que parece ser director, gentendeu, requitou a illustração ruidosa e barulhenta que vindas de outrem, seriam recebidas como insulto grosseiro e baixo, e como faes delicadamente respondidas, no passo que partidas desse mesmo delicioso e desopilante Tartarin de Tarascon (talás Tartarin sem Tarascon) são duma ingenuidade rara e humoristica, alegremente communicativa.

Ora, desde quem insulta é o enorme e incomparavel Tartarin de Tarascon, o aventureiro unico, matador feróz... de leões cegos e domesticados, o litterato... tarasconez até a ultima, nós só temos, depois dum riso bom e vivificante, de commentarios alegres e gallofeiros ou meio de gargalhadas sonoras, deixar cahir da penna a unica resposta possível — uma linha de reticencias.

RUEL DE AZEVEDO.

Para — Agosto — 1895.

Pela vida

— A FLOVIS BEVILAQUA —

Noivos; Repleto de ardor
Amam-se entre mil caricias,
Libando as santas delicias
Dos quentes beijos do amor!

Mais tarde: O peso dos annos
No peito de ambos invade;
E, cheios de desenganos,
Trocam beijos de amidade...

São velhos... que noite fria...
Eil-os tristes a toda hora,
Pensando com nostalgia
Naquelles beijos d'outora!
95.
(O livro «Procellas»).

L'ESPÉ FILHO.

Imprensa Litteraria

REVISTA CONTEMPORANEA (RECUE) nº 11. Traz a conclusão do bello artigo de Frayça Pereira sobre Maupassant e da apreciação bem lançada de Paulo de Arruda sobre as *Tronias do Norte*. Desmosthenes de Olinda fecha a sua *Chronica* com dois delicados *Palmas de amor*.

ILLUMINACAO (RE-DEL), nos II e 12. O primeiro traz o retrato do sr. Tito Rosas e o segundo o de Carlos Gomes. A quem se referem todas as produções do texto.

«PORTUGAL PORTUGUEZA» (Capital Federal) nº. 10. Publicado no dia do centenário da morte de Brazão da Gama, e este no exclusivamente consagrado a memoria do grande epico do *Conquistador*. Nelle collaboram Macha-

do de Assis, Padre Corrêa de Almeida, Thomaz Ribeiro, Sylvio Rougero e diversos outros escriptores. A honriagem da *Revista Portugueza* esta na altura do grande culto a quem e ella prestada.

— A PROVINCIA ILLUSTRADA, nº. 7. Primoroso este numero da edição illustrada e litteraria com que a *Provincia do Pará* mimoseia nos domingos o publico paraense.

Traz espirituosas embora pouco nítidas gravuras e excellentes trabalhos litterarios entre os quaes notamos a *Carta aberta de G. de Miranda a Antonio Sales*, sobre as *Tronias do Norte*.

CARTEIRA

THEO G. RIBAS

Cumpra nos registrar aqui o passamento deste distincto e talentoso moço, que tanta honra fazia a nossa mocidade militar.

Era um trabalhador incansavel, e pouco tempo que lhe sobrava aos seus arduos estudos, a que se entregava com um aficio raro, empregava-o na cultura das bellas letras, redigindo folhas litterarias nas quaes publicava de preferencia estudos criticos.

Deixa um toleto de polêmica philologica — *Questão grammatical*.

Ultimamente no Pará, para onde foi transferido e onde a morte surpreendeu-o, dirigia a publicação d' *A Epoca*, revista litteraria e scientifica redigida por alumnos militares.

Conquistando por estudos o primeiro posto do exercito, tinha Ribas adiante de si um futuro de bellas e promissoras esperanças.

E' sinceramente compungido que apresentamos a sua inconsolavel familia o nosso cartão de pesames.

LUIS CESARIO

Recebemos as despedidas deste nosso camarada e amigo, distincto e intelligente alumno do Lyceu Cearense que por motivo imprevisto, foi obrigado a interromper os estudos e seguir até o Acahuá onde acaba de fallecer seu digno progenitor, o sr. Antonio José Ferreira Junior.

Dezendo prospera e bonancosa viagem ao Cesario mandamos-lhe o nosso sincero abraço de condolencias.

«MUNDO NOVO»

Para este futuro livro de Roberto de Alencar escreveu Eduardo Saboya o bello prefacio que passamos a transcrever pedindo a respectiva vinda a *A Semana*, em qual foi publicado.

MEL CARO ROBERTO DE ALENCAR. Desvaneco-me sobre modo ter de apresentar ao publico o teu livro de estrêa litteraria, sem invocar para mim outro merecimento qua não seja a lembrança da nossa boa camaradagem.

O teu *Amor* começa a acordar para o Amor e o teu talento, em scintillantes lampejos illumina a estrada

dos sentimentos affectivos que agora percorre a tua alma.

As paginas que se seguem são, pois o reflexo do teu coração que ainda acordou para os desenganos. Ellas evocam a sanidade dos que já sentiram o que sentes agora; porque esses recompoem o vulto do seu passado, cujos restos de chimeras e sonhos amortalhados na sombra do Tempo, assimam aos olhos como tumullos brancos no Campo Santo de um cemiterio; e entendel-as ao melhor aquelles cupas almas são armas da tua palm atitudinal de sentimentos e homogeneidade de idéas.

Portencey ao numero d'elles que têm a creença inabalavel e consoladora de que o idealismo não morre na Arte. Tu acreditas que sim, enquanto houver Amor e Saudade.

Muito melhor sonhar do que fazer da penna escalpello das podridões nocivas.

Muito melhor voar a alma da gente ate outra, arma da nossa, que ficar distante do que rastear parallelamente as misérias humanas.

Muito melhor olhar o azul do céu do que a treva das almas mal formadas.

Melhor, muito melhor sonhar!

Na poesia para mim ha uma qualidade essencial: o idealismo, com allinges de pesar ou de alegria, personaes, embora mas que convenham a todos os corações, e cuja historia sensibilise ou encante docemente a alma de toda a gente que tem alma e coração.

E as tuas fantasias são pedacos de versos que não quizesse rimar.

A nenhum titulo faço jus perante o publico para fazer a apresentação de tua individualidade intellectual.

E que era preciso de apresentação não sou, confesso, com devanecimento, nenhum *apresentado*. Em todo o caso, direi ao leitor que lançar aqui o seu olhar a esta de prefacio, antes de folhear as *Miguelmas*, onde elle vai consumir com os olhos o teu pão de espirito, que neste livro se reflecte bem tua alma, joven e affectiva, a traves dos traços de tua penna manejada com uns laivos de mestria, que ha de caracterizar mais tarde um perfeito artista da palavra escripta, que prometteres ser. E tenho plena convicção de que esse presagio de bom agouro não falla. Muita gente que agora faz figurar a sua vida não seria capaz de escrever paginas como as que se vão ler fructo das horas bem aproveitadas dos teus laizes de estudante.

Eis porque te digo que não receio publicar as tuas gratissimas fantasias. Como livro de estrêa na tua idade e para fazer alguma coisa e prometter muitas.

Abra-te, pois, o amigo *erudito* THEO G. RIBAS. — Pio D's.

«JORNAL ILLUSTRADO»

Recebemos o nº 4 deste periodico que traz os retratos de Alexandrino d'Alencar, do general Hipólito e do coronel João Francisco, assim como uma visita da Escola Militar da Capital Federal.

ROBERTO ROSAS.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, pezo de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito:—Bronchite chronica, tosses rebeldes, scarros de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exacerbações do systema nervoso:—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos das mulheres grávidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrotulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATO DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra allecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculos ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSA PARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

INJECCÃO ANTI-BLENORRAGICA. Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

PÓS DENTRIFICOS. Alvejam e conservam os dentes e perfumam a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

80—Rua do Major Facundo 80, Ceará.

OLIVEIRA ROLA

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTE ESTADO

Jóias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. **Relógios** de ouro, de prata e nickel, para alibeira, inglezes, americanos, suíços etc. etc. **Relógios** para paredes e bancas, despertadores de todos os preços. **Lunetas** superiores de vidraça e graduada (braile e de cores). Objectos para presentes: o mais chique e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Wollast

RUA DO MAIOR FACUNDO 70

Estrella do Oriente

Este emporio de modas continúa a afirmar a sua reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europeia produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanteja-se pela esmerada escolha dos seus artigos os quizes não se confundem com as vulgaridades que intestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de **bom gosto** não tem mais do que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52—Rua do Major Facundo—52

Aguiar

Esta afamada e importante loja de modas acaba de receber as ultimas novidades que a elegancia parisiense tem inventado ultimamente.

Tudo o que ha de mais moderno em artigos de linho acaba de chegar para este conhecido estabelecimento, onde a mais chique *demoiselle* e o mais exigente *dandy* encontrarão com que satisfazer os seus extravagantes caprichos, procurando o que precisam no **AGUIAR**.

69, RUA MAJOR FACUNDO 69

TYP. STUART, Rua Formosa n. 56.